

A necessidade de se sentir especial, que em sua forma exagerada constitui um sintoma da monumental perda de significado característica de nossa era, é no nível psicológico uma necessidade tão genuína e básica quanto o alimento e um abrigo no nível físico.

Os boximanes saúdam tanto os estranhos como os amigos da mesma maneira, erguendo a mão direita no gesto universal de paz e com as palavras "eu te vejo". Porém, os homens e as mulheres de hoje caminham pelas ruas cheias de gente sem serem reconhecidos nem acolhidos, não se sentindo mais à vontade no mundo.

Jung disse que os seres humanos não tolerarão por muito tempo ainda a sua anulação. Haverá uma reação, disse ele, porque "o homem não pode suportar uma vida destituída de sentido".²⁰

Segundo nos conta a narrativa hassídica:

Todos deveriam trazer dois pedaços de papel no bolso de onde os pudessem retirar atendendo às exigências do momento.

Num dos papéis estaria escrito: "Sou apenas pó e cinzas." No outro: "O Universo foi criado por minha causa."²¹

Paradoxalmente, as duas afirmações são verdadeiras. Uma delas diz respeito ao mundo exterior; a outra, ao interior. Algumas pessoas têm acesso mais pronto a um dos papéis; algumas, ao outro. Um exemplo da realidade do mundo interior ou subjetivo é a necessidade real que tem todo ser humano de se sentir especial. Até mesmo Karl Marx poderia exclamar, "Eu não sou nada e deveria ser tudo".²²

Na verdade, os sociólogos estão começando a reconhecer que a atração exercida pelo marxismo deriva de seu *status* como interpretação plausível e compreensível deste incoerente mundo moderno que (e eis aqui a razão pela qual ele prende o inconsciente de seus adeptos) também oferece alguma coisa pela qual vale a pena viver, a visão de uma espécie de paraíso na terra.²³ Com isso, ele oferece uma oportunidade de ajudar a humanidade sofredora através da ciência. Isso constitui um apetitoso prato, não somente para os jovens, para os inteligentes e idealistas, mas também para os sinceros, os bons e esperançosos de todas as idades. Mas é religião sob uma aparência de ciência. É o que acontece quando a nossa relação consciente com Deus fica encoberta — Deus desponta em "ismos", como Jung fez notar muitas vezes.²⁴

Se formos incapazes de sentir que o universo foi criado em nosso benefício, estaremos nos privando de uma certa medida de alegria em nossas vidas, assim como estaremos deixando de ter acesso a algo que nos poderia sustentar na adversidade.²⁵ Negar a legitimidade do desejo de nos sentirmos especiais é negar uma necessidade fundamental da alma. Mas não podemos e não devemos aceitar essa negação, de modo que nossa necessidade de nos sentirmos especiais adote outras vias de acesso à realização. Entre elas, o desejo de riqueza e poder. Mas, por serem limitadas e transitórias, essas coisas não conseguem atender ao nosso anseio pelo reconhecimento. Assim, há quem se torne assassino, terrorista ou fanático numa tentativa desesperada de colocar um significado em suas vidas.²⁶

Podemos, talvez, aprender alguma coisa com os maoris que, em sua arte, pintam somente divindades, não homens, porque somente os deuses são perfeitos. Quer isto dizer que, para nos motivar em nossa busca de uma totalidade, não podemos dispensar um relacionamento com aquilo que é sentido como perfeito e completo. Finalmente, somente uma relação com Deus ou, em linguagem psicológica, com o Self, com o Si-mesmo, pode nos confirmar de uma maneira duradoura.

O subjetivo confere significado

O significado esteve outrora implícito na natureza. Evidentemente, para obter uma visão mais desprendida e objetiva do universo físico, tivemos de renunciar por algum tempo à nossa tendência natural para conferir ao mundo um significado. Escreve Jung:

A experiência primordial e mais imediata da matéria era a de que ela é animada, o que, para o homem medieval, era por si mesmo evidente; na verdade, toda Missa, todo ritual da Igreja e o milagroso efeito das relíquias, tudo demonstrava para ele esse fato natural e óbvio. O Iluminismo francês e a derrocada da visão metafísica do mundo eram necessários para que um cientista como Lavoisier viesse a ter a coragem de se empenhar em encontrar as escalas.²⁷

Em suas obras, os historiadores têm omitido em grande parte a experiência subjetiva, concentrando-se, pelo contrário, em acontecimentos objetivos tais como guerras e a sucessão de governantes. Para nos